

# Teles Notícias

Este blog veio como uma idéia de publicação de artigos, notícias interessantes, assunto interessantes, desabafos sobre os temas e até poesias em geral. A participação de vocês é muito importante, quero ver opiniões próprias, quero gerar opiniões próprias e o mais importante, tentar abrir mentes e colocar a par do que está acontecendo no mundo atualmente e historicamente.

SEXTA-FEIRA, SETEMBRO 29, 2006

## A "Bonança Lula"

A "bonança Lula", ou como a política atual está impedindo o advento de um Brasil mais próspero

As ajudas alimentícias e financeiras à população pobre permitiram ao presidente posicionar-se como favorito para a sua reeleição já neste domingo, mas o crescimento do país está muito aquém do seu potencial

Por Jonathan Wheatley  
e Richard Lapper

João Ferreira está encostado na barreira que cerca sua casa de dois dormitórios - ela faz parte de uma série de propriedades simples que pertencem a uma fazenda situada na periferia de Coração de Maria, na Bahia rural, no Nordeste do Brasil. "Eu nunca votei em Lula, mas é o que vou fazer neste domingo", diz. Por quê? "Os preços não estão subindo. Houve um tempo em que a cada duas semanas tudo ficava mais caro - mas isso não está mais acontecendo."

Ao longo de cerca de quatro anos do governo de orientação esquerdista do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a inflação baixa não foi a única melhoria na vida de João Ferreira. Ele e a sua mulher têm um filho de 11 anos e isso faz com que eles recebam uma ajuda mensal de R\$ 65, no quadro de um programa federal de transferência de renda. Em troca, eles devem manter o menino na escola.

Os Ferreira são uma das 12 milhões de famílias - num total de 44 milhões de pessoas - que recebem tais benefícios no quadro de uma esquema conhecido pelo nome de "Bolsa Família". Este programa foi iniciado pelo governo anterior, do Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB, centrista), mas teve o seu tamanho quadruplicado pelo presidente Lula desde que ele ascendeu ao poder, em janeiro de 2003.

A estabilidade econômica, o programa Bolsa Família, o aumento do salário mínimo em nível nacional, os preços alimentícios estáveis e até mesmo em queda, e uma expansão considerável do crédito ao consumidor estão entre as razões que explicam por que Lula parece estar caminhando tranquilamente rumo a uma vitória decisiva neste domingo, numa eleição presidencial que será realizada junto com pleitos para eleger senadores e deputados federais.

## About Me

Name:

Espaço jornal

Location:

Goiânia, Goiás, Brazil

Isso não interessa e sim os assuntos interessam neste blog, se quiser falar comigo, me manda um e-mail.

[View my complete profile](#)

## Previous Posts

[45 razões para não votar em Alckmin](#)

[Comparando Governos](#)

[Pesquisa da FGV aponta maior queda no nível de pobreza em dez anos](#)

[Plataforma é avanço para educação federal](#)

[Eletrosul beneficia 1.199 famílias com hortas comunitárias](#)

[Bolsa Família influi no aumento da renda na zona rural](#)

[Segurança alimentar e nutricional agora é lei](#)

[Lula na Band: Nada vai ficar embaixo do tapete](#)

[Lula destaca papel dos países pobres na busca por comércio mundial justo](#)

[Novo governo teria de triplicar investimento por aluno, estima campanha](#)



Não foram essas políticas sozinhas que impulsionaram os apoios ao presidente Lula. O crescimento sem precedente da demanda por mercadorias brasileiras para exportação, principalmente por parte da China, mas também de outras economias em processo de crescimento acelerado; o baixo-nível das taxas de juros internacionais e uma superabundância de liquidez nos mercados financeiros globais foram outros fatores que contribuíram para instaurar aquilo que constitui um meio-ambiente internacional extraordinariamente favorável para o Brasil.

Uma série de superávits confortáveis das contas correntes também permitiu ao Brasil reembolsar uma parte substancial da sua dívida externa. O fortalecimento da moeda - o real valorizou-se em 60% em relação ao dólar desde o início da administração Lula - deu condições para manter os preços estáveis e beneficiaram aos pobres.

O sentimento favorável que isso gerou junto à população foi suficiente para manter as muitas dificuldades da administração em segundo plano. Há menos de um ano, o presidente havia sido dado como "politicamente condenado e inelegível" após uma série de escândalos de corrupção que culminaram com o chamado caso do mensalão, no qual membros do alto escalão do seu governo e do Partido dos Trabalhadores (PT), o seu partido, foram acusados de subornar membros do legislativo para obter o seu apoio.

Esse sentimento também desviou as atenções de um problema potencialmente bem maior e mais grave: o fracasso do Brasil em consolidar um crescimento rápido e sustentado. A previsão é de que a economia tenha uma expansão de 3% apenas neste ano - aquém da meta inicial do governo, que era de 4% a 4,5% e muito abaixo do que o país precisa para superar seus problemas sociais.

No entanto, até agora, essas questões tiveram muito pouco impacto sobre os eleitores. O seu principal rival, Geraldo Alckmin do PSDB, ainda tem a esperança de forçar a realizar de um segundo turno, mas as pesquisas seguem apontando que o presidente Lula continua reunindo a maioria necessária para uma vitória logo neste domingo. "Lula teve muita sorte com a situação internacional", comenta Ricardo Noblat, um analista político cujo blog é muito lido. "Mas os seus programas sociais não são uma questão de sorte. Basta somar todos eles com um crescimento que ele mesmo reconhece ser tímido, e acrescentar o seu carisma pessoal, e você terá um conjunto de fatores que explicam por que ele deverá vencer neste domingo".

Desde o seu discurso de posse, quatro anos atrás, Lula sempre enfatizou sua preocupação com a população pobre do Brasil. Os programas de transferência de renda que foram iniciados pela administração do PSDB tiveram uma expansão considerável: os gastos com eles aumentaram de R\$ 2,3 bilhões em 2002 - a último ano de gestão da administração anterior - para R\$ 8,3 bilhões neste ano. O número de famílias que recebem os benefícios do programa Bolsa Família cresceu de R\$ 3,6 milhões em 2003 para R\$ 11,1 milhões.

Os dividendos eleitorais são particularmente evidentes no Norte e no Nordeste, que são as regiões as menos desenvolvidas do Brasil e cuja população constitui um terço dos mais de 180 milhões de brasileiros, e mais da metade da sua população pobre. Na Bahia, o mais povoado dos Estados da região, as intenções de votos favoráveis ao presidente em final de mandato, segundo as pesquisas, alcançam cerca de 70% do eleitorado.

"É claro, vou votar no Lula", afirma Márcia dos Santos, uma desempregada, mãe de um filho, que vive em Lobato, uma favela na periferia de Salvador, a capital do Estado da Bahia. "Se nós recebemos benefícios é graças a ele."

Esta é uma opinião que se ouve com muita freqüência numa região que até recentemente votava em políticos da direita tradicional e em partidos populistas. "Lula transformou o Bolsa Família na maior máquina de conquistar votos que já foi inventada em toda a história brasileira", explica Bolívar Lamounier, um cientista político. "Com isso, as populações do Nordeste foram transformadas num eleitorado cativo".

O presidente Lula conquistou os pobres também de outras maneiras. Com uma divisa mais forte e a inflação sob controle, os preços dos alimentos diminuíram efetivamente nos últimos 12 meses. Em nível nacional, o salário mínimo aumentou em 26% em termos reais durante o governo Lula. Em 2002, ele era suficiente para comprar 1,3 cestas básicas - o conjunto de produtos alimentícios básicos para uma família de quatro pessoas. Hoje, o mesmo salário compra 2,3 cestas básicas.

O governo também estimulou o consumo por meio de novas formas de crédito. Os empréstimos vinculados à folha de pagamento, que foram introduzidos em 2004, por meio dos quais as prestações são descontadas diretamente na fonte, do salário que recebem os devedores, alcançou um total de R\$ 44,3 bilhões no mês passado.

Num plano mais geral, a estabilidade das condições econômicas abriu o caminho para um aumento do crédito ao consumidor, especialmente sob a forma de planos de pagamentos a prazo oferecidos pelos varejistas. "Antes, era muito mais difícil obter um crédito", diz Helenita Santana, que ganha R\$ 350 por mês trabalhando como empregada doméstica para uma família da classe média em Salvador. Nos últimos dois anos, Helenita comprou uma televisão de 20 polegadas, um aparelho de DVD e uma geladeira na rede Insinuante, uma companhia de distribuição local que possui várias lojas de eletrodomésticos. E Helenita Santana acrescenta que ela votará em Lula.

O governo Lula, contudo, fez mais do que dar atenção aos pobres. Quatro anos atrás, o presidente Lula era um anátema para os mercados financeiros. Apesar disso, atendo-se à política monetária ortodoxa e à política de aperto fiscal moderado que haviam sido implantadas pela administração anterior, ele obteve uma redução drástica dos custos dos empréstimos no exterior, aprimorou o perfil da dívida interna e foi consolidando reservas confortáveis em divisas estrangeiras. O Brasil

parece estar certo de alcançar o status dos países os mais procurados para investimentos - o qual permitiria aos principais investidores institucionais americanos e europeus comprarem seus ativos - por volta de 2008 no mais tardar, uma perspectiva que deveria conduzir a futuros aumentos dos preços das obrigações do Tesouro, que permanecem em suspenso.

Enquanto os investidores do mercado financeiro brasileiro e os empreendedores podem não ter sido convertidos em "lulistas" ardorosos, eles estão felizes com a situação atual, o bastante para não quererem fazer campanha em favor de uma mudança. As taxas de juros elevadas ajudaram a conter a inflação, mas elas também proporcionaram lucros sem precedentes aos bancos instalados no Brasil e a um grupo crescente de fundos de investimentos. Eles também trouxeram a prosperidade para toda e qualquer pessoa possuidora de um capital para investir nos mercados financeiros.

"Lula é ótimo para os mais pobres e para os mais ricos", afirma Luiz Carlos Mendonça de Barros, um membro do antigo governo que agora dirige um fundo de investimentos em São Paulo. "Para os mercados financeiros, então, Lula é maravilhoso".

Mas os críticos do atual governo advertem que os tempos de bonança, tanto para os ricos quanto para os pobres, estão com os dias contados se a taxa de crescimento do Brasil permanecer abaixo de 3% ao ano. O maior problema, dizem eles, é que o fracasso do presidente Lula em dar continuidade aos seus esforços iniciais visando a reformar o setor público por meio de uma racionalização das despesas do setor público, principalmente na sua folha de pagamento e nas pensões.

O seu governo recebeu elogios por ter agido com rapidez no sentido de realizar a reforma extremamente necessária do sistema de pensão dos funcionários públicos, em 2003, mas ele nem sequer chegou perto do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), o sistema público de previdência social, muito mais problemático, destinado aos trabalhadores do setor privado.

As despesas geradas pelo INSS aumentaram de 6,5% do produto interno bruto (PIB) em 2002 para uma proporção estimada em 7,8% neste ano - o que teve por efeito de ofuscar os 0,4% do PIB que foram gastos com os programas de transferência de renda tais como o Bolsa Família. Da mesma forma, os gastos com a folha de pagamentos do setor público corresponderão a 5,1% do PIB neste ano. Longe de diminuir os gastos com a folha de pagamentos, o governo anunciou recentemente seu plano de aumentá-los para 11,4% no próximo ano, muito acima da taxa da inflação.

O governo rebate tais críticas ao explicar que ele obtém regularmente excedentes orçamentários antes dos pagamentos dos juros, que correspondem a 4,25% do PIB. Mas os superávits têm sido possíveis apenas porque as receitas fiscais andaram crescendo na mesma proporção que os gastos públicos. Estas receitas eram de 35% do PIB quando o presidente Lula iniciou seu mandato e elas alcançaram 39% do PIB neste ano. Isso corresponde mais ou menos ao dobro do nível

alcançado pela maioria dos outros países em desenvolvimento e, conforme explica Luiz Carlos Mendonça de Barros, a um volume de impostos similar ao de países desenvolvidos tais como o Reino Unido e a Alemanha - os quais financiam o fornecimento de uma proteção social completa e abrangente, algo com que os brasileiros podem apenas sonhar.

"O Brasil gasta muito, mas gasta muito mal", avalia Marcelo Neri, o diretor do departamento de política social na Fundação Getúlio Vargas, uma universidade do Rio de Janeiro. "Políticas tais como a do programa Bolsa Família alvejam claramente os pobres, mas elas deixam para trás os outros, que pertencem à categoria dos não-pobres".

O fato de gastar de modo tão pouco eficiente significa também que o governo dispõe de menos dinheiro para construir estradas, portos, estações de produção de energia além de outras infra-estruturas físicas que ajudam a promover o crescimento. Por esta mesma razão, o governo tem sido incapaz de melhorar a qualidade dos serviços públicos. A educação é quase universal, mas os níveis qualitativos do ensino são reduzidos. A regulamentação, também, deixa muito a desejar, já que os investidores se queixam com frequência de uma falta de transparência ou de decisões arbitrárias por parte dos funcionários públicos. Pouco tem sido feito no sentido de facilitar a complexidade de se fazer negócios no país.

As condições globais favoráveis têm contribuído para instaurar um clima de falta de urgência em resolver tais questões. Além disso, essas condições estão gerando novos problemas por si só. Os enormes superávits da balança comercial obtidos pelo Brasil, de mais de US\$ 40 bilhões (R\$ 87,14 bilhões) por ano, combinados com as elevadas taxas de juros e os afluxos resultantes de capital de curto prazo, contribuíram para uma rápida valorização da moeda. Em contrapartida, este processo reduziu a competitividade dos fabricantes brasileiros.

Enquanto as exportações seguem crescendo, elas são cada vez mais dominadas pelo minério de ferro e por outras matérias-primas de pouco ou nenhum valor agregado. Enquanto isso, milhares de companhias em setores tais como os calçados e os têxteis tiveram de fechar as portas.

Todos esses fatores ajudam a explicar por que o Brasil está ficando de fora aos poucos do clube dos grandes expoentes da competitividade internacional. Segundo uma pesquisa do Fórum Econômico Mundial que foi publicada neste mês, o Brasil está em 83º lugar no ranking dos países os mais competitivos do planeta. Ele perdeu nove posições em relação a 2005, e permanece longe atrás das três maiores economias emergentes - a China, a Índia e a Rússia - países com os quais às vezes é comparado.

Luiz Carlos Mendonça de Barros chega a ponto de qualificar a atual combinação de políticas do governo Lula de "populismo financeiro". Diferentemente de líderes tais como Hugo Chávez na Venezuela, Evo

Morales na Bolívia ou Nestor Kirchner na Argentina, o presidente Lula está aplicando uma política macro-econômica ortodoxa. Com isso, ele descartou medidas tais como a dos controles de preços ou da nacionalização, que caíram na preferência dos seus vizinhos mais radicais - que alguns chamarão de mais tradicionalmente populistas.

Mas, ao fracassar em tomar medidas destinadas a incentivar maiores investimentos ele pode estar armazenando problemas para o futuro, dando prioridade aos problemas de curto prazo em relação aos de longo prazo.

Esta é uma crítica que o candidato Geraldo Alckmin tentou articular e apresentar em sua campanha, embora ele não tivesse obtido a reação esperada entre os eleitores. Luiz Carlos Mendonça de Barros explica que é justamente devido ao fato de a situação estar bastante tranqüila e favorável que poucos brasileiros se mostram interessados em discutir alternativas econômicas. "Deus ajudou o Brasil", diz, "mas talvez fosse, na verdade, o diabo".

UOL

posted by Espaço jornal @ 5:42 AM

[0 comments](#)

### 0 Comments:

[Postar um comentário](#)

[<< Home](#)